

ENSINO DAS ARTES VISUAS
**IDENTIDADE
E CULTURA
NO SÉCULO XXI**
23.º Encontro da APECV
13 A 15 DE MAIO BRAGANÇA



ACTAS

INDICE

- *Interpreting contemporary visual artists and Learning about us and the others* | Dace Paeglite e Agnese Stage (Letónia)
- *Formação de Docentes: Projeto Rede Arte na Escola* | Roberta Puccetti, Carla Alves, Cândida Carvalho, Maria Pellegrino (Brasil)
- *Los dibujos de los niños como espejo de identidades: deseos y temores en la aldea global* | Pilar Perez (em pdf anexo)
- *Escrituras de lo invisible desde el oasis: viaje por un proceso de incertezas, pesquisas y experiencias* | M^a Jesús Agra Pardiñas e Cristina Trigo Martínez
- *O Ensino das Artes Visuais em Ambientes Online e a Criação de Comunidades de Aprendizagem* | António Moreira
- *Cultura Visual: perspectivas operacionais no programa de Desenho* | João Queiroz
- *Pintar a música ou a comunicação não verbal na aprendizagem de conteúdos programáticos?* | Levi Leonido Fernandes da Silva
- *Educação Artística nos Museus* | Jorge Costa
- *Comparangoleiros: Intercâmbio Cultural* | Ariclaudio Francisco da Silva
- *Intercâmbio Cultural: Tradições de família* | Fernanda Santos e Manuela Prata – Espaço íris
- *O papel dos festivais de arte e outros eventos artísticos na criação de comunidades educativas, criativas e inclusiva* | Ana Barbero Franco
- *A criatividade e a educação – Percursos* | Jacinta Costa e Carlos Costa
- *Nova disciplina, Novos desafios* | Ana Heitor
- *@ Arte no Coração* | Helena Pires
- *Problemas de identidade e comunicação nos manuais escolares da actualidade* | Jorge Morais

- *Importância da Investigação em Arte e em Educação Artística na Formação de Professores* | Rosa Oliveira
- *Investigar em, através e para o Desenho* | Silvia Simões
- *A/r/tografia em contextos criativos e de investigação na arte digital* | Adérito Marcos
- *Lo que se espera de nosotros* | José María Mesías Lema e Enrique Lista Romay
- *Ensino da arte, artes performativas, hibridismo artístico* | Tales Frey
- *A imagem, o texto e as aldeias* | Jorge Morais
- *A Gata Borracheira na Escola Primária do Estado Novo* | Cristina Henriques
- *Repensar as imagens do quotidiano dos adolescentes* | Mariane Baptista
- *Arte e Design: Experiências a partir de um projecto de extensão com mulheres artesãs na Universidade da região de Joinville – SC (BRASIL)* | Rita Peixe Petrykowski e Juliana Silveira Anselmo
- *Comunicação e Expressões: Educação Artística, a distância para alunos itinerantes* | Marta Ornelas e Teresa Marques
- *Projecto de Investigação-Acção nas práticas educativas* | Maria Inês Bárrios
- *Vídeo-arte: Instrumento pedagógico no ensino artístico* | Ana Lobo Soares
- *“Anima.acção ☺”: Projecto animado em múltiplos sentidos* | Sofia Assunção
- *EVTux: Uma ferramenta para o ensino das Artes Visuais no Século XXI* | José Rodrigues e António Moreira
- *A emergência do pensamento – novas geometrias do olhar* | António Meireles
- *Desenho, Criação, Representa-se, (Des)Construção, Eu* | Luís Rodrigues

- *A mão, o material e o campo* | Nuno Silva
- *Ensino das Artes Visuais* | Luís Canotilho
- *do Ser ao Fazer, do Fazer ao Ser – minha memória, minha identidade, minha cultura* | Maria Cristina Afonso Magalhães
- *Desenvolvimento Afectivo, criativo e metacognitivo da criança e as competências do aprender a aprender em E.V.T* | José Alberto Martins
- *La formación en Educación Artística de los maestros en España* | Estefania Sanz
- *Espacios Íntimos I* | Pablo Romero
- *Expografia moderna e contemporânea: diálogos entre arte e arquitectura* | Robson Xavier da Costa
- *Elaboração curricular para o ensino da arte* | Rita Peixe Petrykowski
- *As Imagens na escola* | Ricardo Reis
- *Criação de uma Mandala em contexto escolar* | Rosa Gabriel Silva
- *Som, Movimento e Desenho* | Marcos Pinheiro
- *Olhar para Cézanne para aprender a desenhar* | Natacha Antão

caso específico da comunidade escolar, da possível ligeireza que assume perante as áreas curriculares conectadas como o rigor como nos casos da matemática, das ciências e das línguas.

É meu entendimento que as Artes Visuais assentam fundamentalmente em pressupostos de rigor através das competências específica, traduzidas através de experiências de aprendizagem diversificadas, não confundidas com a leveza do tratamento de temas.

A repetição destas práticas empobrece os nossos alunos e dá-lhes uma visão limitada das Artes Visuais. Impede a existência de futuros cidadãos comunicativos e criativos e com uma visão deturpada do que são as Artes Visuais, dando-lhes assim pouca importância no contexto social:

As Artes Visuais não se constituem como linguagem universal – apenas estão no âmbito dos mais hábeis;

As Artes Visuais na comunidade escolar têm como função contribuir para a decoração dos espaços e permitir aos alunos momentos de mera descontração e informalidade;

As Artes Visuais são o campo da subjectividade e como tal, não se sujeitam a qualquer processo de avaliação ou de valorização.

Possivelmente será esta a visão da tutela no que respeita às Artes Visuais: Uma área lúdica onde se destacam os alunos com mais “jeito” sabe-se lá adquirido em que contexto. Como tal talvez não sejam necessários os dois docentes em Educação Visual e Tecnológica no 2º ciclo do ensino básico.

TÍTULO *do Ser ao Fazer, do Fazer ao Ser – minha memória, minha identidade, minha cultura*

AUTOR Maria Cristina Afonso Magalhães crismag@ipb.pt
Escola Superior de Educação de Bragança
Universidade do Minho-Instituto de Educação

RESUMO

Pretende-se com este trabalho dar a conhecer uma experiência pedagógica que foi desenvolvida na unidade curricular de Didáctica de EVT e que integrou a exploração de conceitos teóricos e práticos ligados, por um lado, à memória, à identidade e à cultura e, por outro, à exploração dos conteúdos colagem, arte do século XX e arte contemporânea. Para exploração e desenvolvimento dos conceitos fez-se um percurso pela área de recuperação e manutenção de equipamentos, tendo em conta a consciência ambiental no re-uso dos materiais.

Esta experiência teve como principais objetivos:

- Contribuir para o desenvolvimento dum “saber olhar” pessoal, crítico e interpretativo;
- Desenvolver temas, ideias e conceitos traduzindo-as na construção de narrativas pessoais;
- Reflectir sobre os contributos da experiência para a formação pessoal, profissional e artística.

Sob diferentes pontos de vista imagéticos e usando diferentes tipos de registo, cada aluno foi caminhando e partilhando, resgatando ideias, coisas, factos, acontecimentos, lugares, pessoas, emoções, etc. Neste percurso, foram-se criando elos insubstituíveis para a criação de sentido e significado nos seus projectos. A ligação ao material e imaterial do passado, presente e futuro foi emergindo até se formar um todo coerente e, com ele, se foi formando também um “saber olhar” construtor do sentir pessoal, profissional e artístico.

Da análise a este trabalho, continuam em aberto para discussão algumas ideias que, por considerarmos importantes, enunciamos: a) a relação pedagógica é uma construção de saberes que está muito para além da transmissão dos conteúdos; b) a “voz” dos alunos e as suas ideias tornaram-se, indubitavelmente, num processo duplamente reflectido; c) o sentido de pertença e a história individual de cada um,

dois dos pilares deste projecto, possibilitaram novas reflexões pedagógicas.

Palavras-chave: memória, identidade, cultura, arte.

Abstrat

The aim of this work is to show an educational experience that was developed in the Course of Didactics of Visual and Technological Education integrating exploration of theoretical and practical concepts related, one hand, memory, identity and culture and, secondly, explore the contents of collage in the twentieth century art and contemporary art. To development and explore the concepts was chosen the area of rehabilitation and maintenance of equipment, taking into account environmental awareness in the re-use of materials. This experience has as main objectives:

- Contribute to the development of a "knowing look" personal, critical and interpretive;
- Develop themes, ideas and concepts by translating them in the construction of personal narratives;
- Reflect about the contributions of experience to the personal, professional and artistic training.

From different imagery points of view and using different types of registration and sketches, each student was going and sharing, rescuing ideas, things, facts, events, places, people, emotions, etc. By this way, were being created irreplaceable links to creat sense and meaning in the projects. The link to the material and immaterial in the past, present and future was emerging to form a whole consistent and, with it, was formed also a "knowing look" builder feel personal, professional and artistic. Analysis to this work, still in open for discussion some ideas that is important to consider:

- a) the pedagogical relationship is a construction of knowledge that is far beyond the transmission the contents; b) the "voice" of students and

their ideas become undoubtedly a doubly reflected process; c) the sense of belonging and the each one individual history, two bases of this project, made possible new pedagogical reflections.

Keywords: memory, identity, culture, art.

TEXTO

Apresentamos, ao longo deste texto, a nossa posição reflexiva face ao percurso formativo em que nos envolvemos no âmbito do desenvolvimento do projecto “do Ser ao Fazer, do Fazer ao Ser – minha memória, minha identidade, minha cultura”, na Unidade Curricular de Didáctica de Educação Visual e Tecnológica. Esta proposta de formação alicerçou-se em vários fundamentos, tais como: as histórias de vida, a leitura crítica de imagens da arte moderna e contemporânea e a construção de uma consciência ambiental, pelo re-uso de materiais e equipamentos assente na sustentabilidade. Nessa linha, valorizou-se a construção de narrativas pessoais para que, de forma crítica, criativa e interpretativa, se atribuísse significado às experiências pessoais, profissionais e artísticas.

Naturalmente, o processo de formação dos professores passa pelo desenvolvimento de competências de âmbito artístico, pessoal, curricular e organizacional, cuja compreensão e reflexão permite melhorar quer a nossa acção quer a gestão curricular. Entendemos que o professor em formação é uma pessoa em desenvolvimento, é o sujeito da aprendizagem e nós, como professores, em princípio mais experientes, temos a missão de ajudá-lo a aprender e a desenvolver holisticamente todas as suas capacidades. Não esquecendo “o acto de ensinar como a acção ou conjunto de acções orientadas intencionalmente para a promoção das aprendizagens de outro(s)” (Roldão, 2003: 58), anuímos, além disso que o currículo é “principalmente, aquilo que os professores fizerem dele” (Roldão, 1999: 21), pressupondo, portanto que todas experiências de aprendizagem específicas que definimos para ele confluem.

O campo profissional em que nos situamos, aliado ao nosso progressivo interesse pelos métodos biográficos e histórias de vida, levou-nos a

programar, neste contexto de formação, um projecto que possibilitasse a exploração dos conteúdos da linguagem visual e tecnológica definidos na unidade curricular e, por outro que ajudasse a contribuir para a formação de um “saber olhar”, construtor do sentir pessoal, profissional e artístico.

A transversalidade dos conteúdos teóricos e práticos possibilitou as experiências diferenciadas, quanto às linguagens, aos materiais e às técnicas, às formas de registo e aos processos criativos. Recorremos às metodologias projectuais de resolução de problemas e de análise crítica de imagens fixas e em movimento para promover a aquisição de conhecimentos e desenvolver atitudes críticas, de comunicação, de pesquisa, de organização, de sistematização de processos e de atribuição de significado à experiência.

Recordando “los cuatro pilares básicos propuestos por la UNESCO para la Educación: ser, convivir, conocer, acer” (Rossini, 2008: 45), elegemos, nesse sentido, acções mediadas por estratégias que desenvolvessem todas essas capacidades do futuro professor, salientando, como Rossini, a importância de um modo de ser professor “que cree en su profesión, en su vida, en las personas, en el desarrollo continuo del ser”. Além disso, parece-nos importante, no campo educativo, o desenho de uma dimensão sócio-educativa que valorize os princípios do interaccionismo simbólico. “Esta corrente teórica parte do princípio de que a experiência humana é mediada pela interpretação, entendendo que os significados dos objectos, das situações e dos acontecimentos são atribuições feitas pelos actores sociais que com eles se relacionam” (Sarmiento, 2009: 307). Valoriza-se, assim, o ser pessoa e a capacidade de compreender e interpretar as experiências e a cultura do meio de pertença.

Metodologicamente, “as histórias de vida como capital vital (...) permitem o acesso à compreensão da complexidade de enredos entre tempos e espaço configuradores das identidades singulares, construídas nas múltiplas interacções entre o passado, o presente e o futuro, o herdado e o projectado, as continuidades e as rupturas, as ligações e os confrontos do sujeito consigo próprio e com os actores

que povoam os contextos em que se move.” (Sarmiento, 2009: 306). Da análise apresentada por Sarmiento à perspectiva de Goodson sobre a compreensão dos professores e das suas práticas através das histórias de vida e da sociedade, assumimos que o nosso trabalho assentou num “paradigma ecológico em que se valoriza o desenvolvimento do professor como uma construção interactiva entre o professor-pessoa e os contextos por si habitados” (Sarmiento, 2009: 303). Foi por essa via que a nossa acção didáctica e pedagógica colocou a “voz” dos formandos no centro gravítico do projecto, procurando estimulá-los na busca de si próprios, do outro e do mundo, através de um pensar e de um sentir baseado nas suas experiências de vida, no seu lugar de pertença e na cultura a ele inerente. O resgate, a reflexão e o registo das experiências passadas e presentes, os significados atribuídos às coisas, factos, acontecimentos, lugares, pessoas e emoções, possibilitou ao ato criador a libertação do pensamento na construção e na re-construção de ideias e materiais. A ideia de “narrar” permitiu “unir as suas histórias pessoais, aos pressupostos culturais, a crenças pessoais e a pontos de vista – pensar, sentir e querer, enfim, ver como essas histórias ajudam a construir o conhecimento” (Cao, 2009: 198). Cresceu, neste contexto e a nosso ver, o valor atribuído às memórias, à identidade e à cultura. O ser projectou-se num fazer criativo, pela experimentação e uso dos materiais e equipamentos.

A ideia de estabelecerem ligações visuais entre a sua história, as suas memórias e a cultura do seu lugar, aliou-se também ao uso e à leitura crítica das imagens, “cujo objectivo é tornar transparentes enunciados escondidos ou tácitos, iniciar um processo de transformação planejado para liberar e dar poder às pessoas. Se as pessoas agem no mundo para transformá-lo, uma das noções centrais dessa perspectiva é a práxis, a reciprocidade entre pensamento e ação.” (Cao, 2009: 196). Nesta linha de pensamento, acrescentamos que a autonomia como responsabilidade atribuída ao professor em formação, ajuda-o a construir a sua própria identidade profissional. Essa liberdade responsável obriga-o ao questionamento e à pesquisa constantes, de maior relevância para o seu desenvolvimento e para a criação de

narrativas pessoais que lhe permitam atribuir significado à experiência e estar mais confiante em si mesmo.

Assumindo os formandos a responsabilidade pelo conhecimento, é possível confrontar percepções e identidades diversas. Daí, nascem novas reflexões que ajudam a cimentar o sentimento de si, do outro e do mundo.

Nesta construção participada, reconhecemos que a relação pedagógica não é só uma transmissão vertical, é, sobretudo, uma cooperação horizontal de experiências e saberes.

Os discursos visuais narrativos produzidos pelos futuros professores desocultaram o valor emocional das suas vidas, tiveram consequências quer para si quer para nós, como co-construtores dessas experiências. Foi-se reconfigurando, ao longo de todo o processo, uma aproximação afectiva entre todos porque a ideia comum era valiosa: relacionar o ser com o fazer, reflectindo sobre o percurso contrário, o fazer com o ser. Foi nesta dialéctica que se foram unindo as histórias pessoais à leitura crítica e interpretativa da obra de arte que “favorece a interrogação” (Quadros, 2006:40). A pesquisa sobre os materiais para re-uso assumiu também grande relevância pois contribuiu para o desenvolvimento das ideias de sustentabilidade e de maior consciência ecológica.

Afirmamos que este processo foi duplamente reflectido, uma vez que as acções e as inter-acções desenvolvidas em contexto foram amplamente partilhadas e discutidas. Juntos, no respeito pelas diferenças individuais, fomos capazes de (trans)formar e realizar o que somos. As visões, as sugestões e as críticas realizadas por todos potenciaram reflexões mais conscientes e consistentes.

De uma forma geral, os formandos afirmaram que esta experiência lhes permitiu:

- desenvolver ideias que estavam adormecidas;
- atribuir mais significado às experiências educativas e pedagógicas;
- construir uma relação pedagógica mais consistente;

- descobrir o passado, conhecer o presente e perspectivar futuro;
- beneficiar a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento;
- perspectivar acções educativas de aprendizagem e desenvolvimento com os seus futuros alunos.

De um modo geral, procurou-se com este projecto que os futuros professores desenvolvessem processos e produtos úteis para a sua aprendizagem e desenvolvimento, imprimindo originalidade ao seu trabalho, tornando-o em conhecimento.

Os vínculos comunicativos criados e partilhados ajudaram a (re)definir formas individuais de olhar. O trabalho deste grupo de formandos confirma que “os contadores de histórias são, em palavras de Bruner, fazedores de mundos” (Cao, 2009:197) pois a fusão das narrativas pessoais com os conceitos e conteúdos inerentes ao programa curricular produziu um diálogo cognitivo e afectivo carregado de significado para o sentir pessoal, profissional e artístico.

Se me é permitido, neste processo que considero inacabado, deixo para reflexão a seguinte questão:

- Não estaremos nós a esquecer-nos do nosso lugar de memórias?

Não gostaria de terminar sem deixar um agradecimento muito especial aos futuros professores que sei que irão fazer lembrar as memórias e a sensibilidade dos seus alunos. Bem hajam Anabela Silva, Ana Pereira, Gabriel Silva, João Carlos Freire, Margarida Barros e Virgínia Freitas! A todos vós, por partilharem comigo as vossas vidas, as vossas histórias e as vossas experiências, o meu muito obrigada!

Aos meus alunos me dou; com eles me construo.

Referências bibliográficas

-Cao, Marián, L. F. (2006). “Lugar do outro na educação artística- olhar como eixo articulador da experiência: uma proposta didáctica”, in Barbosa, Ana Mae (Org.)-Arte/educação contemporânea, consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez Editora, pp. 187-226.

- Roldão, M. C. (1999). Os professores e a gestão do currículo. Porto: Porto Editora.
- Roldão, M. C. (2003). Gestão do currículo e avaliação de competências. As questões dos professores. 5ª edição. Lisboa: Editorial Presença.
- Rossini, M. A. Sanches (2008). Educar es creer en la persona. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.
- Sarmiento, T. (2009). “Contextos de vida e aprendizagem da profissão”, in João Formosinho (Org.)-Formação de professores, aprendizagem profissional e acção docente. Porto: Porto Editora, pp. 303-327.
- Ferreira, A. Quadros (2006). Pensar a arte, pensar a escola. Porto: Edições Afrontamento.

TÍTULO	DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS DO APRENDER A APRENDER NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA.
AUTOR	<i>José Alberto Lourenço Gonçalves Martins</i> – Professor Auxiliar Convidado do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Investigador integrado do CESC - área de estudos artísticos) Email: josealmartins@gmail.com
RESUMO	Quando se fala do desenvolvimento de competências do aprender a aprender no contexto educativo, reportamo-nos essencialmente a três variáveis que permitem ao indivíduo, interiorizar comportamentos de aprendizagem cada vez mais autónomos, ao longo da sua vida. Falamos neste contexto, das capacidades interpretativas, procedimentais e operacionalizantes, como aquelas que irão servir de suporte para esse processo de auto-regulação.